

Experiência de Retrocognição *a Posteriori*

Retrocognitive Experience *a Posteriori*

Experiencia de Retrocognición *a Posteriori*

Simone Zolet*

* Psicóloga. Voluntária da *Associação Internacional de Programação Existencial (APEX)*.

szolet9@yahoo.com.br

Texto recebido para publicação em 11.05.07.

Foz do Iguaçu, quarta-feira, 20 de setembro de 2006, 8h30 da manhã, 19° C, tempo chuvoso.

Em sala de aula, procurei me acomodar no colchonete cobrindo-me com um cobertor e ajeitando o travesseiro de apoio abaixo de meus joelhos. Deitei em decúbito dorsal. Estava me sentindo tranqüila, bem disposta e lúcida. Antes de aplicar a técnica projetiva, como nas aulas anteriores, o professor nos dava orientações para a mobilização de nossas energias. Contudo, mesmo antes de ele iniciar o exercício, já passei a circular as energias de cima para baixo, do alto da cabeça à ponta dos pés. Percebi o veículo energético (energossoma) se expandindo pouco a pouco, similar a um balão de ar sendo enchido, os chacras pulsavam intensamente. As energias do energossoma pareciam impulsionar gradualmente o psicossoma para fora do soma. Sabia que o corpo físico estava deitado no colchonete e percebia a cabeça se locomovendo para frente como se estivesse sendo desgrudada de algo. Contudo, não era a cabeça física, porque a percebia no colchonete, mesmo sabendo intimamente não estar mais dentro dela, dentro do cérebro físico. Fui perdendo a conexão com o corpo físico. Não o sentia mais. Passei a ouvir a voz de um homem em outro idioma, parecia um espanhol mais refinado. Não era a voz de nosso professor, era mais grossa e de alguém muito mais velho. Contudo, perdi contato com aquela voz em seguida.

A partir desse momento, fiquei pensando em manter a lucidez. Olhei para os colegas deitados nos colchonetes na sala de aula, passei ao lado de um deles, que se desprende até a altura do tórax e parecia querer me dizer alguma coisa. Porém, eu estava tão feliz de ter saído lúcida do corpo e não parei para ouvi-lo. Saí volitando pela sala e em seguida decidi atravessar a janela para ver o que havia lá fora, percebi um local diferente de onde estávamos. Os prédios eram velhos e gastos. Volitei pelo bairro para ver se reconhecia algo. Parecia familiar, mas, ao mesmo tempo, não me lembrava de ter estado ali antes.

Voltei ao lugar de onde havia saído e olhei bem para aquele prédio. Era muito diferente daquele onde estávamos tendo a aula. Os fundos da construção me chamaram a atenção e fui até lá para conferir.

Entreí atravessando a parede. Havia um restaurante com estilo Luís XIV, ou o da nobreza/realeza, todo em tons vermelho e dourado, e uma outra sala em verde e dourado. Havia pessoas comendo, sentadas em mesas redondas muito bem postas, desde os talheres e copos aos detalhes das mesas. Tudo de acordo com a etiqueta social. Fui percorrendo os salões e corredores e encontrei um amigo que ficou muito feliz em me ver. Percorremos os salões juntos e ele ia me mostrando tudo como se fôssemos recordando algo familiar. Entramos em um salão enorme – parecia salão de baile da nobreza, todo vermelho e dourado. Era tudo muito elegante e de alto padrão. O pé direito era bastante alto e as portas eram largas e altas. Havia muitas

peças lá dentro, vestidas com trajes antigos, sobrepostas a pessoas em trajes atuais. Vimos aquele salão de baile dando lugar a um museu e restaurante, mas, eu não compreendia por quê. Resolvemos sair do salão e atravessamos a janela enorme que dava para um belo jardim.

Havia muitas estátuas no jardim. Pareciam de mármore branco e também havia árvores bem cuidadas e trabalhadas em meio a calçadas claras e ao verde das plantas. Lembra um jardim europeu misturado a um estilo meio oriental, daqueles que vemos em filmes de época. Um pouco mais à frente parecia haver uma rua calçada, com bastante movimento, que lembrou as praças de Buenos Aires e de Curitiba. Mas, sabia intimamente não estar nesses lugares. Não era a mesma energia – era similar, mas não era igual.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, só olhando aquela paisagem à nossa volta como se estivéssemos gravando para não esquecer. Nos abraçamos, despedindo-nos, e me percebi sendo puxada como um elástico voltando a seu formato original ou um ímã atraído pelo ferro. Estava de volta à sala de aula. Contudo, meus colegas ainda permaneciam deitados e os professores não nos haviam chamado de volta, terminando a atividade. Fiquei próxima ao meu corpo, mas tive dificuldade para coincidir. Busquei me concentrar no reencaixe ao corpo físico e na respiração, rapidamente me percebi coincidente. Movi as mãos e respirei profundamente. Percebi ainda leve movimentação de energia envolvendo todo meu corpo. Eu estava de volta, lúcida. Rememorava tudo em detalhes, não perdi qualquer informação do que pude observar enquanto estava projetada.

O sentimento junto com as informações era de alguma experiência com algo que já tive contato. Aquela lugar, aquele bairro, tudo muito familiar.

No mesmo dia, à noite, 19h30, meu companheiro e eu fomos à aula de espanhol, que recentemente havíamos iniciado, na qual professores argentinos, de Buenos Aires, nos mostraram um vídeo turístico de Madrid: *Madrid de los Austrias*. Ao ver uma das cenas, as imagens da projeção fora-do-corpo que tive pela manhã voltaram à minha mente enquanto assistia o vídeo – eram as mesmas cenas. Identifiquei no mesmo instante aquele lugar. A familiaridade era forte demais. A Plaza Del Oriente, a Calle Mayor, o Palácio Real, o Teatro Real, o Restaurante do Teatro, os jardins... Era como se estivesse lá novamente, andando por aqueles salões e reconhecendo tudo. No vídeo, a jornalista relatava: ... era antes um salão de baile Real que foi transformado em um museu que expõe as roupas usadas no teatro Real pelas atrizes, também acompanhado de um restaurante para os turistas... Era o lugar onde estive projetada.

Essa experiência me fez refletir profundamente sobre minhas condutas no dia-a-dia; as relações com as pessoas nas diversas vidas que tivemos; os encontros e aprendizados que podemos ter com as várias culturas, épocas, grupos e dimensões. Compreendi a importância das vivências e o quanto podem ser oportunidades evolutivas para quem busca deixar assinaturas pensativas ou marcas positivas e saudáveis com foco no melhor para todos.

